

O CONTEXTO NO QUAL ENSINAMOS E A “CATEQUESE AO LONGO DA VIDA”

THE CONTEXT IN WHICH WE TEACH AND “LIFE-SPAN CATECHESIS”

Samuel Reduss Fuhrmann¹

Resumo: Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada para o Simpósio Nacional de Instrução de Confirmandos, realizado no Seminário Concórdia, em outubro de 2025. A ênfase foi colocada sobre “o contexto no qual ensinamos”, a partir do qual uma reflexão teológica foi feita e sugestões práticas oferecidas. Para isso, foram apresentados os pontos principais do livro *Teaching the Faith at Home; What Does It Mean? How Is This Done?* (“Ensinando a fé em casa: o que isso quer dizer? Como isso é feito?”), de David Rueter (2016). Buscou-se expor a leitura contextual de Rueter e suas principais propostas. Percebeu-se a importância do trabalho conjunto entre pastor e família, a partir da pia batismal, e do ensino confirmatório e pós-confirmação de modo a estabelecer um “clima de reflexão”. Essa situação, por sua vez, cria um ambiente aberto a questões difíceis, nutre e cultiva nos jovens a articulação da fé diante dos desafios do contexto no qual é desenvolvida a educação cristã. Por fim, concluiu-se que o ensino cristão precisa ser intencional em formar jovens numa fé bíblica, trinitária e cristocêntrica.

Palavras-chave: Deísmo Terapêutico Moralista. Ensino no lar. Ensino confirmatório. Pós-confirmação.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, Canoas (2007). Especialista em Teologia com habilitação ao Ministério Pastoral pelo Seminário Concórdia, São Leopoldo, RS (2010). Doutor pelo Concordia Seminary, St. Louis, EUA (2020).

Abstract: This paper results from research done for the 1st Confirmation Class National Symposium, held at Seminário Concórdia in October 2025. The emphasis was placed on the “context in which we teach,” from which a theological reflection was made and practical suggestions that might help the church were given. For that end, the paper presented the main points of the book *Teaching the Faith at Home; What Does It Mean? How Is This Done?* – by David Rueter (2016). The paper sought to explain the contextual reading Rueter makes, and to present his proposals. It was noted how important the joined effort between pastor and family is, starting at the baptismal font, along with the significance of the confirmation class and the post-confirmation teaching in a way that establishes a “climate thinking”. This climate fosters an environment that is open to difficult questions, that nurtures and cultivates in the youth the ability to articulate their faith in the face of the challenges of the context in which we teach. At the end, one conclusion that was drawn from the study is that the Christian teaching must be intentional in forming the youth in a way that their faith is biblical, trinitarian and Christocentric.

Keywords: Moralistic Therapeutic Deism. Teaching in the home. Confirmation. Pos-confirmation teaching.

INTRODUÇÃO

Falar em “catequese ao longo da vida” busca capturar o entendimento de que o ensino cristão começa a partir da pia batismal e dura a vida toda. O termo é uma tentativa de traduzir a expressão “life-span catechesis”, de David Rueter (2016). Seu livro é intitulado *Ensinando a fé em casa*: o que isso quer dizer e como isso é feito? O autor é pastor da *Lutheran Church–Missouri Synod*, professor da Universidade Concórdia, de Irvine, e pesquisador na área de educação cristã. Rueter argumenta que o ensino doutrinário cristão não deve ser meramente um programa que ocorre entre os 10 e 14 anos de idade e que é encerrado com o rito de confirmação. Caso seja visto assim, a instrução é experimentada como um curso, e a confirmação equivale a uma formatura, que marca a despedida do formando da instituição. Rueter propõe, como a expressão acima diz, que o ensino deve durar a vida toda, começando com o batismo.

Essa proposta é de grande importância no contexto do mundo de hoje. Nas conferências anteriores, falou-se do ensino cristão no passado e no Catecismo Menor de Lutero e seu conteúdo. A ênfase foi colocada sobre “o que” nós ensinamos. Agora, será dado um passo além, buscando entender em que contexto nós ensinamos a palavra de Deus e “como” podemos fazê-lo. Para isso, faz-se necessário começar com o contexto. Começemos “pintando um quadro” que representa a religiosidade dos adolescentes hoje.

“PINTANDO UM QUADRO” DA VIDA RELIGIOSA DOS JOVENS

Descrever as realidades, formas de pensar e culturas que formam o contexto no qual ensinamos é como pintar um quadro. Isso quer dizer que, ao tentar descrever o contexto, não é possível oferecer uma fotografia em alta resolução, com precisão e clareza perfeitas. Quando se pinta um quadro, a imagem tem imperfeições e pode falhar na exatidão. Ainda assim, se o pintor for bom, todos que veem o quadro saberão do que se trata e perceberão que a pintura, embora limitada, ainda reflete a realidade. É nesse sentido que Rueter faz uso de uma boa pintura, um estudo feito sobre a religião dos adolescentes nos Estados Unidos no início dos anos 2000. Ela é considerada a maior pesquisa já feita sobre a fé dos adolescentes norte-americanos. A pesquisa identificou várias características na religiosidade dos jovens. Para o presente propósito, dois pontos destacados por Rueter merecem atenção: a importância dos pais na formação religiosa dos filhos e a crença no chamado Deísmo Terapêutico Moralista.

A importância dos pais na formação religiosa dos filhos

Começemos pela importância dos pais. Um entendimento popular que ainda se tem sobre a fé dos adolescentes é a ideia de que jovens são mais influenciados por outros jovens do que pelos próprios pais em questões de fé. Assim, muitas vezes se entende que a prática religiosa dos adolescentes seria mais significativa se ela fosse vivida com pessoas de sua própria faixa etária, tal como os grupos de jovens de congregações. Tomando esse entendimento como pressuposto, no passado, muitas igrejas se organizaram

para ter um pastor para os jovens, o chamado *youth minister*, cuja função seria a de adequar as práticas de fé ao “estilo dos jovens”. A partir do estudo com adolescentes estadunidenses, no entanto, Rueter questiona a ideia de que os pais teriam menor importância na caminhada de fé dos filhos do que outros jovens ou até mesmo do que o pastor.

O estudo mostrou que os pais têm, em disparado, muito mais relevância na vida de fé dos filhos do que seus colegas adolescentes ou grupo de jovens. Conforme explicado por Rueter,

“[...] os pais ainda são os maiores influenciadores de seus filhos [...]. Portanto, apesar da tendência dos adolescentes de se revoltarem contra seus pais, especialmente em questões de fé e práticas religiosas, seus sistemas de crenças centrais ainda são, amplamente, o produto de seu ambiente do lar (Rueter, 2016, p. 54).

Em outras palavras, são os pais, em casa, que fazem a grande diferença na vida de fé de jovens adolescentes. Isso é o que a pesquisa com aproximadamente 3 mil adolescentes demonstrou. Rueter afirma que essa descoberta é uma pequena boa notícia trazida pelo estudo. Por outro lado, ele questiona: “Qual é a mensagem [que os pais estão transmitindo aos filhos]?” Partindo dessa pergunta, Rueter descreve a outra descoberta feita pelo estudo.

A fé que é geralmente ensinada aos jovens hoje – o “Deísmo Terapêutico Moralista”

Conforme indicado acima, a outra descoberta do estudo em questão diz respeito ao chamado Deísmo Terapêutico Moralista. Segundo o autor, a fé que pais estadunidenses vêm passando aos filhos é uma crença não bíblica. O estudo demonstrou que os adolescentes acreditam num deus que criou o mundo, porém que se distanciou da sua criação (“Deísmo”). Esse deus poderia ser acionado para ajudar no alívio de tensões diárias, na remoção de obstáculos emocionais e no alcance da autorrealização dos indivíduos. Esse entendimento é referido pelo adjetivo “terapêutico”.²

2 Há pelo menos dois livros significativos que explicam como a chamada “cultura terapêutica” impactou a teologia cristã e a prática pastoral. O mais conhecido deles é *The Triumph of the Therapeutic: Uses of Faith After Freud* (1966), do sociólogo da cultura Philip Rieff. O autor

Deus seria, nessa lógica, uma força que ajuda a pessoa a ser feliz; embora o Deísmo se refira à crença num deus distante, na versão atual esse deus faria intervenções no mundo para recompensar os bons e ajudá-los a ser felizes. Além disso, esse deus esperaria que as pessoas se comportem de forma moralmente correta (conforme os padrões socialmente aceitos), razão pela qual é usado o termo “moralismo”. Por fim, se entende que o desejo desse deus é que, em última análise, as pessoas sejam felizes nesta vida. Geralmente, essa recompensa é merecida por aqueles que agem com moralidade, mesmo que o entendimento de certo e errado seja determinado pela cultura contemporânea. Da mesma forma, o conceito de felicidade é definido pelas pessoas, e não pelo próprio Deus.

Ligado a esse problema mais básico, evidenciou-se a dificuldade que jovens protestantes têm de falar da própria fé. O livro que apresentou os resultados da pesquisa com adolescentes e cunhou o termo “Deísmo Terapêutico Moralista” (Smith e Denton, 2005) aponta um sério problema com respeito à habilidade de adolescentes falarem sobre o que creem. Descobriu-se que “os protestantes tradicionais estavam entre os menos articulados” ao tentar responder a questões sobre a sua fé. O livro dá o exemplo de um adolescente luterano, que chega a afirmar: “Eu realmente não sei o que significa ser luterano” (Smith e Denton, 2005, p. 132). Uma das interpretações dos autores da pesquisa é que esses jovens nunca foram desafiados a falar daquilo que creem ou não foram ensinados a fazer isso.

Entender esse “quadro” sobre o contexto é muito significativo para nós no Brasil também. Embora o estudo acima tenha sido realizado nos Estados Unidos, é plausível considerar que o Deísmo Terapêutico Moralista impacte também o cristianismo brasileiro. Vejamos algumas pesquisas que apontam na direção dessa possibilidade: em 2023, o instituto de pesquisa denominado *Global Religion* entrevistou aproximadamente mil brasileiros. A pesquisa revelou que 89% dos entrevistados afirmaram crer na existência de Deus. Mas 19% desse número acredita, na verdade, “em

argumenta que, após Freud e Jung, a fé passou a ser moldada e usada como mecanismo para aliviar tensões que indivíduos sentem, para responder a meros problemas existenciais e para auxiliar no alcance da felicidade. O outro livro é *A History of Pastoral Care in America: From Salvation to Self-realization* (1983), do historiador E. Brooks Holifield. Ele defende que, conforme o título indica, a visão do ministério pastoral e suas funções passaram a ser adaptadas à cultura norte-americana. Consequentemente, o ministério, em vez de estar voltado à salvação de pessoas, passou a ser visto como meio de ajuda para a autorrealização pessoal dos indivíduos.

um poder superior ou espírito, mas não em Deus conforme descrito nas santas escrituras” (Global Religion, 2023, p. 14). Quanto ao aspecto do moralismo atribuído a esse deus, o Deísmo, em si, afirma que o criador estabeleceu leis naturais e que deu uma consciência moral ao ser humano, sem levar em consideração a realidade da queda. Consequentemente, o Deísmo entende que o ser humano é capaz de viver de forma moralmente correta.³ Com respeito ao elemento terapêutico que é parte dessa crença, o fenômeno também já foi identificado e discutido no cenário brasileiro.⁴ Portanto, embora a mesma pesquisa com adolescentes não tenha sido feita no Brasil, é importante perceber que as características do Deísmo Terapêutico Moralista impactam também a religiosidade e o cristianismo brasileiros.

Por essa razão, é importante considerar a proposta de Rueter em resposta aos desafios desse contexto no qual ensinamos. Conforme já antecipado, o autor reafirma o entendimento de que o ensino cristão deve ocorrer ao longo da vida.

O FUNDAMENTO PARA A “CATEQUESE AO LONGO DA VIDA”

A esta altura, o leitor pode estar se perguntando: Por que usar o termo “catequese”? Rueter lembra que Lutero fala de “catequese” como um período de ensino cristão de acordo com seu uso na igreja antiga. Rueter simplesmente tenta resgatar esse ensino como algo que é passado de geração para geração, especialmente de pais para filhos. O autor está ciente de que, para muitos, “catequese” é uma espécie de “igrejês”, parte de uma língua que só a igreja entende. Mas o ponto é que “catequese” e “catecismo”, nos lembra o autor, têm na sua raiz o significado de “fazer soar de novo” ou “ressoar” (Rueter, 2016, p. 7). Refere-se, nesse sentido, ao ressoar das verdades bíblicas da fé cristã, no ensino de uma geração

3 Para mais sobre o Deísmo e a diferença de sua visão sobre moralidade e a perspectiva cristã, veja o livro de James Sire, *The Universe Next Door* (1976).

4 Veja o estudo de Mayka Castellano intitulado “O sucesso é ser você mesmo: cultura terapêutica, autoestima e emoções na literatura de autoajuda” (2015). A autora define “cultura terapêutica” como a disseminação de uma forma de pensar que estabelece a emoção e a subjetividade como elementos primordiais na maneira de compreender a vida e todas as questões relativas a ela.

para a próxima, repetindo essa verdade à geração seguinte. Isso ocorre principalmente em casa, quando pai e mãe ensinam seus filhos, e na igreja, quando a congregação leva a sério a formação das novas gerações.

Por isso, a catequese ao longo da vida requer uma abordagem pastoral à família, em que o pastor ajuda os pais nesse trabalho. Isso é importante porque o fator positivo apontado pela pesquisa entre adolescentes – a importância dos pais na educação religiosa dos filhos – também é evidenciado a partir do estudo das Escrituras e de Lutero.

O FUNDAMENTO BÍBLICO PARA O ENSINO DESDE A PIA BATISMAL

A base de Rueter em defesa dessa forma de ensino cristão é a Escritura e a teologia do reformador Martinho Lutero. O texto bíblico citado abaixo é utilizado pelo autor, além de ter orientado o próprio reformador:

Escuta, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor. Portanto, ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas (Dt 6.4-9 – Tradução Nova Almeida Atualizada – NAA).

Esse texto mostra quão importante é “inculcar” nos filhos a história do Deus que salva. Diferente do que muitos pensam hoje, afirmando que pais não deveriam “influenciar” os filhos em questão de fé, o texto evidencia que é da vontade do próprio Deus que esse ensino ocorra de maneira clara, enfática e intencional.

Há também o texto de 2Timóteo 3.14-16, onde se percebe que foram a mãe e a avó de Timóteo que lhe ensinaram as “sagradas letras” que conduzem à vida eterna. Isso mostra que fazer “ressoar” a verdade cristã de uma geração a outra é uma prática bíblica, e não algo inventado por Lutero. O próprio reformador deixa isso evidente na explicação do Quarto Mandamento, no Catecismo Maior:

Justo seria, além disso, pregar aos pais e a quantos exercem essa função sobre como devem agir em relação aos que lhes são entregues. Ainda que isto não tenha sido incluído nos mandamentos de modo expresso, **é, contudo, amplamente exposto em muitas passagens da Sagrada Escritura**. Deus nos deu e confiou filhos para que os eduquemos e governemos de acordo com sua vontade. Não fosse por isso, não haveria necessidade de ter pai e mãe. Portanto, que cada um saiba que é seu dever, sob pena de perder a graça divina, educar seus filhos, acima de tudo, no temor e conhecimento do Senhor (*Livro de Concórdia*, 2023, p. 440, ênfase nossa).

Observe que a prática de os pais educarem os filhos na fé é algo que Lutero considerava bíblico. Portanto, para o reformador, esse trabalho é parte essencial da vocação de pai e mãe. Não é algo que um pai, por exemplo, poderia simplesmente decidir se quer ou não fazer. A dúvida que há é simplesmente sobre a maneira como isso pode ser feito, para que pais e pastores trabalhem na mesma direção.

Dessa forma, fica evidente que a proposta de Rueter apresentada até aqui é ancorada na Escritura e no entendimento de Lutero. Mas o autor vai além da mera afirmação da importância dos pais na formação dos filhos; ele defende um trabalho conjunto entre os pais e o pastor.

O trabalho conjunto do pastor e dos pais para “inculcar” a fé na criança

A ideia de pais e pastores trabalhando em conjunto para educar as crianças na fé aparece claramente nas palavras do reformador citadas acima. Rueter lembra que Lutero fala mais sobre isso também em seu texto intitulado “Missa Alemã e Ordem do Culto”, quando relaciona o Catecismo com a pregação e o ensino cristão em casa. Um recorte do texto do reformador ajuda a exemplificar esse ponto:

Essa instrução, Mandamentos, Credo e Pai-Nosso, precisa ser pregada do púlpito em ocasiões determinadas ou diariamente, conforme a necessidade, e deve ser recitada ou lida em casa, à noite e pela manhã, para as crianças e a criadagem, se quisermos fazer deles cristãos. Não basta que decorem ou recitem as palavras, mas é preciso que sejam questionados ponto por ponto e que respondam o que cada um significa e como o entendem. Se não for possível

perguntar tudo de uma vez, tome-se um ponto hoje e amanhã outro. Pois, se os pais ou tutores da juventude não quiserem se dar esse trabalho com ela, nem incumbirem outros disso, jamais haverá catequese alguma (Lutero, 2000, p. 180).

É possível ver nessas palavras uma importante conexão entre o púlpito e a mesa das refeições em casa. Num momento, a família ou o cristão está diante do púlpito. Noutro, está ao redor da mesa. Em ambos os casos, a fé cristã está sendo ensinada. Além disso, Lutero não queria o que às vezes é chamado de “decoreba” – a simples memorização sem uma real compreensão do conteúdo. O reformador entendia que, quando a criança chegasse ao estágio de desenvolvimento em que entendesse as explicações, ela precisaria de fato compreender o ensino cristão. Ele não é contra a memorização. Ao mesmo tempo, sua visão não limitava a instrução cristã ao simples decorar das palavras do Catecismo. Conforme o leitor deve recordar, um dos problemas da religiosidade dos adolescentes hoje é sua incapacidade de articular a própria fé, o que resulta da falta de um ensino que os desafie a falar sobre o que creem. O que as palavras de Lutero afirmam acima, portanto, serve tanto para demonstrar a importância do trabalho conjunto entre pastores e pais, como também para indicar direções quanto a como ensinar os jovens hoje. Isso será retomado na seção final.

Continuando com Lutero, e indo além da argumentação de Rueter, é importante observar que o reformador dá exemplos de como conectar o sermão com o ensino no lar. Lutero chega a sugerir uma brincadeira para facilitar o ensino das crianças. Ele diz: “Quando uma criança começa a entender essas coisas, deve-se habituá-la a trazer para casa palavras da Escritura das pregações e recitá-las aos pais durante as refeições à mesa [...] para então meter os ditos nos saquinhos e bolsinhos como se metem centavos, vinténs ou florins nos bolsos” (Lutero, 2000, p. 180). Lutero está sugerindo, como uma espécie de brincadeira, que se escrevesse versículos sobre os quais o pastor tinha pregado em pequenas folhas de papéis e que se colocasse essas folhas em pequenos saquinhos ou bolsinhos, assim como moedas eram guardadas naquela época. Haveria um pequeno saquinho para versículos que ensinam sobre nossa pecaminosidade e outros para textos que afirmam a essência do evangelho da salvação em Cristo. Tais

versículos seriam retirados desses pequenos sacos e recitados à mesa na presença dos pais. Dada a sugestão, Lutero conclui:

Que ninguém se julgue por demais inteligente e despreze semelhante brincadeira. Para educar pessoas, Cristo teve que tornar-se pessoa. Se quisermos educar crianças, nós também precisamos tornar-nos crianças com elas. Queira Deus que tal brincadeira venha a ser praticada; em pouco tempo veríamos um grande tesouro de pessoas cristãs e que almas foram tão enriquecidas na Escritura e no conhecimento de Deus que elas iriam fazer mais desses bolsinhos com verdades básicas e neles colocariam toda a Escritura [...] (Lutero, 2000, p. 182).

Dessas palavras, é importante que se perceba a ênfase de Lutero na continuidade do ensino em casa. Mais uma vez, se vê aqui a importância da educação cristã das crianças como algo feito em conjunto, de forma complementar (nunca alternativa) entre pastor e pais. Aquilo que foi pregado no culto deveria ser discutido e inculcado em casa, por meio de perguntas e respostas ou até mesmo com brincadeiras, tal como essa das folhinhas de papel colocadas em saquinhos. Isso não quer dizer que a sugestão de Lutero deva ocorrer exatamente da mesma forma, com a mesma brincadeira. O ponto disso, na verdade, está em que os pais precisam se esforçar para que o ensino recebido na igreja não caia no esquecimento.

Esses exemplos evidenciam que o trabalho tanto do pastor quanto dos pais é de grande importância. Lutero dá ênfase específica no esforço em casa, inculcando a Palavra pregada pelo pastor e a Palavra escrita do texto bíblico.

Dito isso, é importante nos voltarmos agora a como isso pode ser colocado em prática, levando em consideração a realidade na qual ensinamos.

PASTOR E FAMÍLIA LADO A LADO NO ENSINO PÓS-BATISMO, CONFIRMATÓRIO E PÓS-CONFIRMAÇÃO

Como, então, poderia ser o trabalho pastoral e congregacional à luz do que foi dito até aqui? De que maneira pastores poderiam auxiliar os pais no cuidado conjunto com a educação da criança desde a pia batismal?

Esta seção destaca propostas de Rueter quanto a maneiras de se trabalhar o cuidado pastoral e o ensino dos pais de forma complementar, levando em conta os desafios apontados na primeira seção.

O cuidado pastoral com vistas ao ensino desde a pia batismal

Segundo Rueter (2016, p. 103), o trabalho pastoral deve começar quando o casal anuncia que vai ter mais um filho. Seria mais ou menos assim: os pais vão ao culto enquanto o bebê ainda está no ventre ou já no colo da mãe. Após o culto, enquanto o pastor cumprimenta os demais congregados à porta, os pais aguardam dentro do templo para conversar com ele e agendar o batismo. Segundo o autor, é já nesse momento que o pastor precisa iniciar conversas sobre a importante responsabilidade dos pais de ensinar a palavra de Deus à criança. O pastor pode também tentar marcar uma visita ao casal para conversar sobre isso. Essa tentativa da parte do pastor pode ocorrer de diferentes maneiras. O importante é que, diante daquela procura inicial pelo pastor para anunciar o nascimento ou agendar o batismo, o pastor já precisa manter em seu pensamento, orações e planejamento a seguinte pergunta: Como incluir essa família no plano de ensino da congregação? A forma de fazer isso pode variar de acordo com o lugar. O importante é que, conforme Rueter observa,

[...] a igreja deve caminhar lado a lado com pais desde o momento quando eles se tornam pais. Por mais simples que seja o tornar-se pais (de modo geral), o ato de criar filhos é substancialmente mais complexo e cansativo. A igreja pode caminhar lado a lado com pais que recém tiveram ou que ainda esperam o nascimento do bebê para ajudá-los a começar a pensar antecipadamente sobre sua família que está crescendo e sobre as tarefas espirituais que vêm com esse crescimento (Rueter, 2016, p. 103).

É importante observar aqui dois elementos no pensamento de Rueter. O primeiro diz respeito à forma de ajudar as famílias. Essas palavras nos levam a cogitar a possibilidade de pastores reunirem-se com pais cujos filhos recém foram batizados ou que estão para ser. Junto a isso, pastores poderiam entregar material com conteúdo que auxilie os pais no ensino

cristão, principalmente com respeito ao batismo e à vida que segue a partir dele.⁵

Também merece atenção o fato de que a ajuda que os pais precisam vai além do trabalho próprio do pastor, mas inclui seriamente os padrinhos. Embora a tradição dos padrinhos não tenha origem direta nas Escrituras, seu propósito de caminhar lado a lado na fé de alguém que está começando sua caminhada é bíblico. Além disso, o autor lembra que, no mundo de hoje, é necessário resgatar significado e função espirituais dos padrinhos na vida da pessoa batizada. Isso é ainda mais importante quando as famílias estão fragmentadas ou, no contexto missionário, quando os pais não são cristãos. Para que padrinhos possam exercer seu papel espiritual, no entanto, talvez seja necessário ensinar a toda a congregação e, em particular, aos pais. Isso permitiria tornar clara qual é a função dos padrinhos de batismo. Essa função não é meramente social, mas espiritual em primeiro lugar.

Nesse sentido, é significativo observar que o próprio Lutero defendia que os pais que não tivessem condições de ensinar seus filhos em casa deveriam delegar essa função a alguém capaz de fazê-lo.⁶ Isso permitiria que as crianças jamais ficassem sem o ensino das Escrituras, resumido no *Catecismo*.

A partir dessa ajuda aos pais e da conscientização da importância da fé vivida no lar, é possível ensinar a fé com intencionalidade, diante dos desafios do contexto de hoje. Frente ao Deísmo Terapêutico Moralista, é importante ensinar a maneira como Deus revela a sua identidade a nós na Escritura. Isso quer dizer que a devoção doméstica, por exemplo, precisa refletir a mesma linguagem e ensino trinitários, cristocêntricos e bíblicos do culto luterano. O modelo de “Oração da Manhã” e “Oração da Noite”, de Lutero, reflete bem isso. Ele começa com a Trindade e a possibilidade de a família fazer o sinal da cruz, sinal esse feito sobre o peito e sobre a testa de cada um quando foram batizados. Depois, além de leitura bíblica, o Credo Apostólico é recitado. Por fim, uma oração que começa com

5 A sugestão de Reuter aqui reflete uma prática de muitas congregações da *Lutheran Church-Missouri Synod*. Um dos livros que é parte do material dado aos pais, como auxílio na educação cristã da criança, é *The Baptism of your Child* (FAST, 2007).

6 Esse entendimento de Lutero se vê nos textos em que ele fala sobre a importância de os pais enviarem seus filhos para escolas, como em “Uma Prédica de Martinho Lutero para que mandem seus filhos à escola” (1530), e na explicação do Quarto Mandamento do Catecismo Maior (1528). Lutero observa que há mais tipos de “pais” do que apenas os pais de sangue ou biológicos.

agradecimento pela pessoa e obra do Filho é feita, além de outras orações informais poderem ser adicionadas. Esse modelo não é uma regra para nós. Neste estudo, no entanto, o modelo exemplifica a possibilidade de uma vida devocional que reflete a maneira como Deus revelou sua identidade e a centralidade da obra de salvação. Consequentemente, o modelo exemplifica uma prática devocional que ajuda na formação cristã dos filhos. De forma intencional, portanto, devoções familiares nutrem a fé no Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

Esse exemplo, junto ao que já foi dito até aqui, é somado ao que acontece no ensino confirmatório e no ensino durante o período pós-confirmação.

O ensino confirmatório e pós-confirmação

Além da importância do trabalho lado a lado entre pais e pastor (com a ajuda da congregação), merece atenção especial o ensino que a igreja oferece de maneira formal e organizada aos adolescentes. Conforme dito anteriormente, o ensino cristão é parte de um longo processo, iniciado a partir da pia batismal. Depois, esse ensino continua na instrução de confirmandos e, por fim, é reforçado, aprofundado e enriquecido após o jovem ter passado pelo rito de confirmação. Para fins de brevidade, esta seção se limita a falar ao período da adolescência e juventude, embora o ensino pós-confirmação de fato compreenda o restante da vida do cristão.

Antes de falar de propostas práticas a partir das ideias de Rueter, é importante considerar os desafios à instrução de confirmandos que resulta do contexto no qual ensinamos. As ênfases moralista e terapêutica da religiosidade contemporânea dos jovens impacta a visão que se tem do ministério pastoral. Isso pode resultar em expectativas que vão além das funções pastorais. A busca por um pastor terapeuta ou *coach*, comprometido muito mais com a autorrealização do indivíduo, seria um exemplo disso.⁷ Por outro lado, a expectativa por um pastor moralista que “coloque os

7 Há um artigo na BBC News Brasil intitulado “Jesus motivacional: quem são os ‘coaches evangélicos’”. O texto descreve o conteúdo dos “coaches evangélicos”, que são “youtubers, cantores e pastores com pregações e conteúdo essencialmente motivacional”. Por “motivacional”, entende-se uma ênfase no indivíduo em sua relação consigo mesmo e com outros, onde indivíduos, “treinados” por um mentor, devem “liderar” e alcançar o sucesso. O texto está disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4n879pr6do>. Acesso em: 10 jun. 2026.

jovens nos eixos”, que os leve a agir com moral (muitas vezes de acordo com visões políticas de um ou de outro lado) também é uma situação desafiadora que resulta desse contexto.

Diante disso, é importante lembrar que o ministério pastoral, naquilo que lhe é próprio, serve à restauração e à preservação da relação do ser humano pecador com o Deus santo, justo e misericordioso revelado nas Escrituras. Essa função ministerial se vê claramente quando Paulo, por exemplo, fala do “ministério da reconciliação” (2Co 5.18-20). Esse entendimento também é confessado no *Livro de Concórdia* (*Livro de Concórdia* [CA V], 2023, p. 50 e 51).

Além disso, os próprios catecismos de Lutero refletem a centralidade da relação com Deus por meio da obra de Cristo. Os catecismos *Menor* e *Maior* contêm aquilo que é preciso saber para a salvação, razão pela qual são também chamados de “Bíblia dos Leigos” (*Livro de Concórdia*, 2023, p. 526). Eles começam com a vontade de Deus nos mandamentos, revelando a necessidade que temos de um salvador. Em seguida, no Credo, eles levam o povo de Deus a confessar a fé no Deus das Escrituras, Pai, Filho e Espírito Santo. Em seu segundo artigo, o Credo fala da pessoa e obra de Jesus. Ancorados nas Escrituras, os catecismos afirmam que Jesus não só cumpriu a vontade de Deus perfeitamente, mas também pagou pelos nossos pecados plenamente. É nesse artigo de fé que reside o eixo central do ensino confirmatório, bem como a ênfase do trabalho pastoral ao ensinar o povo de Deus, confiando no poder do Espírito Santo, que chama e preserva na fé pelo poder do evangelho.

Uma vez que isso está claro e estabelecido no ensino, os mandamentos recebem atenção também para guiar a vida do cristão, mas não numa perspectiva moralizadora. O novo olhar à lei de Deus a partir do perdão é de buscar servir onde Deus nos colocou, confiando no que Cristo fez por nós. Por reconhecermos que continuamos pecadores até o fim da vida, valorizamos a lei de Deus para nos chamar diariamente ao arrependimento e nos guiar nesta vida sob a cruz (*Livro de Concórdia* [FC VI, 6, 11e 12], p. 632 e 633).

Por tudo isso, em vez de um *coach*, pastores precisam servir como *confessores* em primeiro lugar, cuja função é ouvir a confissão de pecados e absolver o pecador que reconhece o seu pecado e confia em Cristo (Jo 20.22-23; *Livro de Concórdia* [CA 11 e ApCA 11], p. 55, 217-219). No

lugar de um moralizador que atende a agendas de uma moral customizada a ideais contemporâneos, o pastor ensina os Dez Mandamentos na íntegra. É claro que o pastor pode ajudar pessoas em diferentes circunstâncias. Acima de tudo, no entanto, o pastor é aquele que ensina a Palavra, a doutrina bíblica, que é resumida no Catecismo.

Segundo Rueter, esses pontos teológicos enfatizados até aqui são a base da instrução de confirmandos, mas é importante também que os jovens sejam treinados a articular essa fé. Rueter quer evitar o problema apontado acima, no qual jovens protestantes falham no testemunho por não saber falar daquilo que creem. Por isso, é necessário que se estabeleça um ambiente de reflexão, diálogo e questionamento no ensino aos jovens adolescentes. O autor captura isso afirmando que o momento de instrução precisa ser um espaço no qual se cultiva um “clima de reflexão” (“thinking climate”), para que os jovens possam expressar suas dúvidas e fazer perguntas difíceis. Nas palavras de Rueter a pastores e professores: “Leve seriamente em consideração as questões que seus alunos perguntam”, sem demonstrar espanto quando suas perguntas expressam dúvidas de fé profundas. O jovem precisa saber que o pastor não vai criticá-lo ou condená-lo por causa desse tipo de dúvida (Rueter, 2016, p. 93).

Esse mesmo clima, além dos fundamentos teológicos explicados acima, será importante no ensino do período pós-confirmação. Segundo Rueter, nesse segundo momento, é preciso manter o clima de reflexão e aprofundar o aprendizado recebido, desenvolvendo um olhar crítico a partir de lentes bíblicas.

Nesse sentido, o ensino no período pós-confirmação deve fortalecer os jovens para a realidade hostil que enfrentarão, tal como às vezes é a sala de aula do Ensino Médio e do Ensino Superior. Em preparo a isso, é preciso abordar tópicos que emergem nesses ambientes, como “evolucionismo, religiões do mundo e identidade sexual [...]” (Rueter, 2016, p. 128), por exemplo. É preciso que o pastor ajude esses jovens a verem os tópicos dessa natureza pelas lentes das Escrituras. Quando os jovens ouvirem teorias diversas sobre o surgimento do universo, sobre o ser humano, sexualidade e casamento, entre outros, eles precisarão se lembrar daquilo que aprenderam do seu pastor. Eles também precisarão se perguntar: Como nós, cristãos luteranos, entendemos esta ou aquela teoria? Como entendemos o mundo e as ciências? Como valorizar as ciências como

bênçãos da boa criação? Como identificar (a fim de rejeitar) o cientismo que leva pessoas a confiarem cegamente na razão humana? De que modo responder respeitosamente a uma acusação de homofobia pelo simples fato de se crer e afirmar o que está na Bíblia?

Esse “clima de reflexão” ajudará os jovens luteranos a melhor articularem a sua própria fé quando desafios e oportunidades surgirem. Conforme mencionado anteriormente, protestantes históricos hoje em dia têm muita dificuldade para falar com clareza sobre o que creem. A formação contínua no período pós-confirmação é de grande valor diante desse problema. O propósito desse esforço da parte de pastores, pais e congregação como um todo não é treinar os jovens numa forma de apologética que busca “convencer” os outros filosoficamente sobre a existência de Deus. Na verdade, o objetivo é simplesmente formar os jovens de modo que eles estejam atentos às armadilhas que a razão humana e tendências culturais predominantes criam, desenvolvendo neles os filtros e as lentes provindos da fé cristã bíblica. O ensino dessa forma no período pós-confirmação – algo que talvez seria fácil de colocar em prática por meio das uniões juvenis aqui no Brasil – ajudaria a formar jovens cristãos que saibam articular a sua fé. O princípio disso não é muito diferente do que Lutero buscava ao sugerir que pais perguntassem em casa o que seus filhos entenderam do culto. Ajudar os jovens a falar do que creem está em continuidade com o método do *Catecismo*, que leva a criança a primeiro afirmar o que Deus diz e então a responder à pergunta: “O que significa isso?” (Lutero, 2023 [CMe], p. 386-389). Assim, os jovens são “preparados para responder a todo aquele que pedir razão da esperança” que eles têm (1Pe 3.15).

Para concluir, a formação cristã como “catequese ao longo da vida”, à luz do que foi dito neste ensaio, forma jovens na fé cristã de maneira intencionalmente bíblica, trinitária e cristocêntrica. Ensinar assim serve como resposta aos desafios do “contexto no qual ensinamos”.

CONSIDERAÇÕES

Dois desafios do contexto atual foram explicados e endereçados na presente pesquisa. O primeiro, é o chamado Deísmo Terapêutico Moralista. É uma visão que distorce a identidade de Deus e cria expectativas falsas

sobre o trabalho do pastor. O segundo problema é a incapacidade de protestantes históricos de articularem a própria fé. Conforme reconhecido acima, esses problemas foram pontuados primeiramente com respeito aos Estados Unidos. Por outro lado, há estudos que indicam que o Brasil enfrenta uma cultura religiosa popular que é similar a dos jovens norte-americanos.

Ao mesmo tempo que há desafios no contexto em que ensinamos, há também o fato de que os pais continuam sendo fundamentais na formação cristã dos filhos. Por causa disso, guiado por Rueter, este ensaio propôs o trabalho conjunto entre pastor e pais na educação cristã a partir da pia batismal. Para o ensino em casa, foi afirmada a importância de criar uma conexão entre aquilo que se faz e ouve no culto e o que é dito e vivido no lar. É a conexão entre o púlpito e a mesa de jantar da qual se falou.

Por fim, a partir dos desafios do contexto no qual ensinamos, o ensaio apresentou sugestões de Rueter com respeito a como trabalhar durante o ensino confirmatório e no período pós-confirmação. Foi descrito o conceito de “clima de reflexão”, que abre portas a perguntas difíceis e possibilita o aprofundamento nos tópicos do Catecismo. Esse mesmo clima informa o ensino contínuo pós-confirmação, que visa preparar adolescentes e jovens adultos para os desafios à fé cristã no mundo de hoje, principalmente aqueles que emergem na sala de aula.

Para responder a tais desafios do contexto no qual ensinamos, é de grande importância a “catequese ao longo da vida”, começando pela pia batismal, para que se possa ensinar os jovens a “guardar todas as coisas” que o Senhor nos tem ordenado (Mt 28.19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BÍBLIA. *Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. NAA. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- CASTELLANO, Mayka. “O sucesso é ser você mesmo”: cultura terapêutica, autoestima e emoções na literatura de autoajuda. *Fronteiras – estudos midiáticos*, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 365-373, set./dez. 2015.
- MORI, Letícia. “Jesus motivacional: quem são os ‘coaches evangélicos’”. *BBC News Brasil*, 13 set. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c4n879pr6do>. Acesso em: 10 jun. 2026.

FAST, Thomas E.; FAST, Carla H. *The Baptism of Your Child*. St. Louis: Concordia Publishing House, 2007.

GLOBAL RELIGION. *Religião no Brasil 2023*. Ipsos, 2023.

HOLIFIELD, E. Brooks. *A history of pastoral care in America: From Salvation to Self-Realization*. Nashville: Abingdon Press, 1983.

LIVRO DE CONCÓRDIA. As confissões da Igreja Evangélica Luterana. Comissão Interluterana de Literatura (org.). Trad. Arnaldo Schüller. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2020. LUTERO, Martinho. Missa alemã e ordem do culto. In: *Obras selecionadas*, v. 7. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000.

_____. Sermão para que se mandem os filhos à escola. In: *Obras selecionadas*, v. 5. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995.

RIEFF, Philip. *The Triumph of the Therapeutic: Uses of Faith After Freud*. New York: Harper & Row, 1966.

RUETER, David. *Teaching the Faith at Home: What Does It Mean? How Is This Done?* St. Louis: Concordia Publishing House, 2016.

SIRE, James W. *The Universe Next Door*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1976.

SMITH, Christian; DENTON, Melinda Lundquist. *Soul Searching: The Religious and Spiritual Lives of American Teenagers*. Oxford: Oxford University Press, 2005.